

A EVOLUÇÃO DA REDE URBANA DE LAVRAS NOVAS E A TRANSFORMAÇÃO DO SEU PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO¹

THE EVOLUTION OF LAVRAS NOVAS URBAN NETWORK AND THE TRANSFORMATIONS OF ITS BUILT HERITAGE

Guilherme Fortes Drummond Chicarino Varajão²
Alexandre Magno Alves Diniz³

Resumo

Com origens no período de exploração das jazidas auríferas das minas coloniais, Lavras Novas desenvolveu uma peculiar arquitetura vernacular aliada ao seu traçado urbano orgânico. Este trabalho retrata algumas das transformações recentes que o patrimônio construído desse distrito de Ouro Preto sofreu, relacionando-as com suas mudanças contextuais, referindo-se às variações de configuração da rede urbana de Minas Gerais. Originalmente pertencente a uma rede de caminhos coloniais ligando os núcleos mineradores de diferentes hierarquias, Lavras Novas foi inserida na segunda metade do século XX em uma nova lógica. Assim, foi crescentemente influenciada pelas dinâmicas transformações do processo de periurbanização da metrópole de Belo Horizonte, incitando fenômenos correlatos como os fluxos pendulares e, particularmente, o fortalecimento do turismo e a proliferação das casas de segunda residência.

Palavras-chave: Lavras Novas; Arquitetura vernacular; Rede urbana; Periurbanização.

Abstract

Originating in the period of exploitation of gold deposits in the colonial mines, Lavras Novas developed a peculiar vernacular architecture combined with its organic urban form. This work portrays some of the recent changes that the built heritage of this Ouro Preto district suffered, relating them to their contextual changes, referring to the variations of the configuration of Minas Gerais' urban network. Originally belonging to a network of paths linking the colonial mining settlements of different hierarchies, Lavras Novas was inserted during the second half of the twentieth century in a new logic. Thus, it was increasingly influenced by the dynamic transformations of the periurbanization process of the Belo Horizonte metropolis, instigating related phenomena such as pendulum fluxes and particularly the strengthening of tourism and the proliferation of second residences.

Key words: Lavras Novas; Vernacular Architecture; Urban network; Periurbanization.

Resultantes de processos políticos, sociais e econômicos, as formas de organização humana avançam cada vez mais para a urbanização, que aglomeram populações especializadas em atividades cada vez mais dissociadas das atividades produtivas agrárias (GOTTMANN, 1952). Assim, o fenômeno urbano está ligado à necessidade organizacional do homem de controlar os processos de produção e comércio de produtos, além da realização da gestão pública (SPOSITO, 1988).

O conjunto de relações existentes no urbano se estende muito além de seus limites físicos, exercendo funções de liderança no seu entorno (SANTOS, 1989). O modo produtivo da sociedade coincide com o urbano, concentrador do capital, de maneira que essa forma de organização deixa de ser característica apenas da sociedade ocidental e passa a ser estrategicamente uma tendência global (HARVEY, 1980). Em tempos mais recentes, nos quais as tecnologias informáticas e telemáticas permitem uma maior intensidade de contatos e redução das distâncias por meio dos rápidos meios de deslocamento, a sociedade passa por uma transformação estrutural com novas formas e configurações espaciais (CASTELLS, 1996).

As vastas extensões territoriais que sucumbem à urbanização adquirem a forma de rede urbana, que materializa no espaço as forças que se concentram ou se dispersam nos processos econômicos de uma região (CORREA, 1994). A organização do espaço em redes pressupõe também a hierarquização dos lugares, de maneira que os pontos nodais da rede urbana, em geral cidades, diferenciam-se pelo seu nível hierárquico funcional (SASSEN, 1994). A articulação das redes urbanas é relativa, uma vez que varia de acordo com o contexto em que está inserida e, por isso, também é dinâmica, ou seja, assume diferentes formas ao longo do tempo.

Este trabalho retrata as redes urbanas ligadas a Lavras Novas, desde sua formação, no Período Colonial de exploração mineral, no século XVIII, até o período recente, que a inseriu no colar perimetropolitano de Belo Horizonte. O estudo também descreve algumas transformações do patrimônio construído do Distrito, de modo que o objetivo principal deste artigo repousa no estabelecimento das relações entre essas transformações e as mudanças contextuais que o envolveram.

Contextualização geral de Lavras Novas

O núcleo urbano de Lavras Novas está situado no paralelo 20 28' 38" de latitude sul e no meridiano 43 30' 58" de longitude oeste, sendo de domínio do Município de Ouro Preto, na parte central do Estado de Minas Gerais (Figura 1). Localizado em um espaço intersticial entre a rodovia federal BR 356 e a rodovia estadual MG 129, o distrito dista 110 quilômetros de Belo Horizonte, incluindo os 7 quilômetros da estrada tortuosa não pavimentada, necessária para superar a Serra do Trovão, que compõe o seu principal acesso.

Imbricado na porção setentrional do Quadrilátero Ferrífero, sua elevada altimetria (> 1350 m) se justifica pela resistência ao intemperismo e à erosão do seu embasamento rochoso, pre-

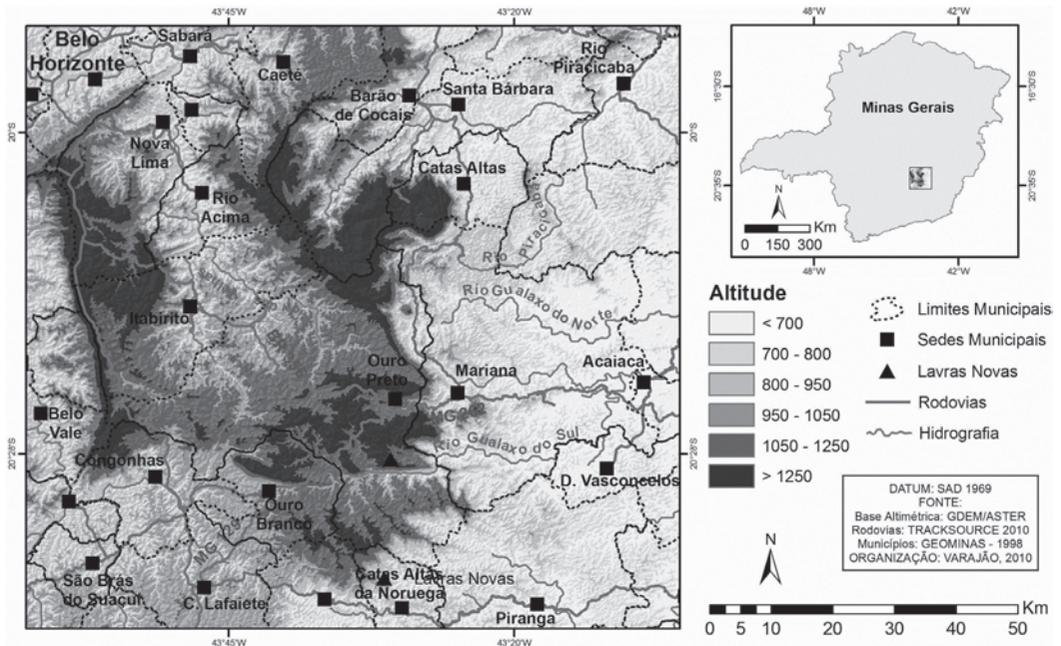


Figura 1 • Mapa de localização da área de estudo. Fonte: Elaboração do autor.

dominantemente de quartzitos do grupo Itacolomi (ALKMIM; MARSHAK, 1998), que contrasta com as terras baixas adjacentes (< 1000 m), menos resistentes, constituídas por xistos, filitos e gnaisses. A formação de solos rasos ou pouco desenvolvidos é comum em litologia quartzítica, classificados como os neossolos e os cambissolos, que restringem sobremaneira as atividades agrícolas.

Analisando a Figura 1, é possível perceber o quanto as áreas com importante soerguimento do relevo atuam como obstáculos geográficos, sendo um dos condicionantes da distribuição das sedes urbanas, que têm dificuldade de se desenvolverem em áreas de topografia acidentada e de altitudes mais elevadas.

Lavras Novas ainda se encontra na zona perimetropolitana de Belo Horizonte (Figura 2), um espaço de tamanho variável contextualmente, estimado por Conti (2009) como um perímetro de 200 quilômetros de raio, delimitando uma região de intensas relações e de dinâmico desenvolvimento polarizado pela capital do Estado de Minas Gerais. Esse espaço está organizado hierarquicamente pelos diversos centros urbanos que o compõem, desde pequenos centros como Lavras Novas, intermediada pelo universo das cidades médias, a exemplo de Ouro Preto.

O processo de descentralização e de reorganização territorial dessa realidade é articulado por meio de uma rede urbana preexistente, sustentada pela melhoria das redes de transporte e de comunicação, relocando as atividades produtivas e comerciais, assim como a população. A influência desse espaço nas transformações urbanas de Lavras Novas não deve ser menosprezada, uma vez que se trata de um vasto processo de urbanização periférica em que as condições gerais de produção deixaram de se restringir aos grandes centros urbanos e se estenderam de forma domi-

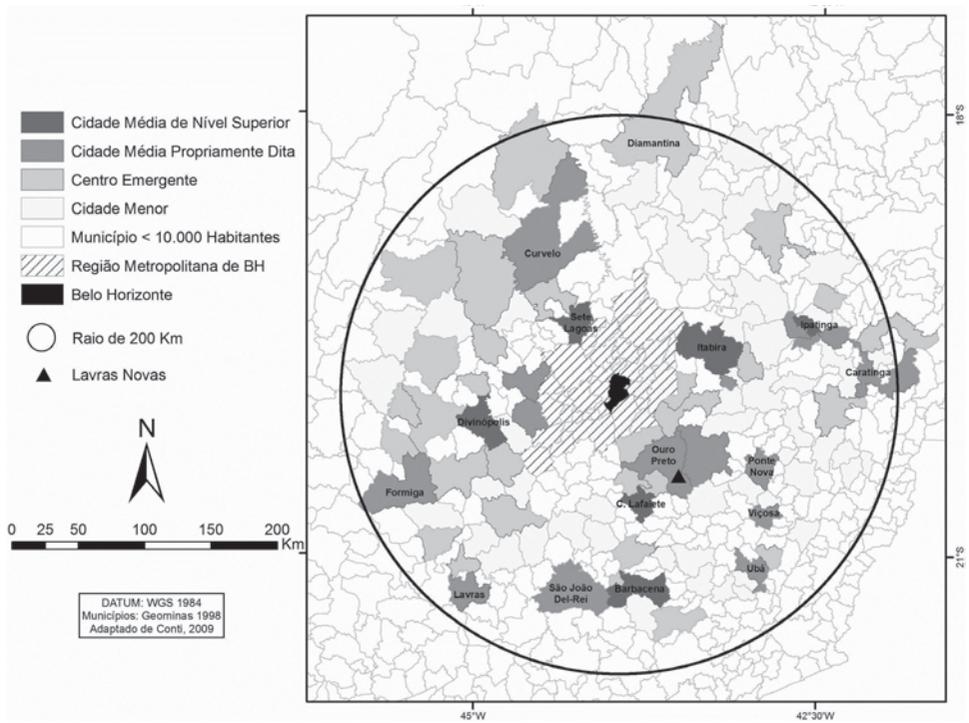


Figura 2 • Hierarquia dos municípios da Zona Perimetropolitana, em um raio de 200 km do centro de Belo Horizonte. Fonte: Adaptado de Conti (2009).

nante sobre o território, fenômeno também denominado de urbanização extensiva (MONTE-MÓR, 1994).

Nesse contexto, núcleos, como o que é objeto deste estudo, são particularmente visados pela crescente demanda turística e pela proliferação de casas de segunda residência existentes na zona perimetropolitana, por conter elementos que assumiram uma recente exacerbada importância, como formas tradicionais de organização humana inseridas em uma plástica paisagem serrana.

Processo de ocupação humana

Podem-se delimitar claramente dois momentos distintos na configuração de Lavras Novas, sendo um primeiro caracterizado pelo desenvolvimento de uma peculiar arquitetura vernacular, aliada a um traçado urbano orgânico, explicada pela exploração das jazidas auríferas, seguido de um período de intensas transformações, principalmente a partir da segunda metade do século XX, no qual o turismo passou a ter uma crescente importância. Tais momentos serão descritos adiante.

Séculos XVII, XVIII e XIX

A formação do núcleo urbano de Lavras Novas está estreitamente vinculada à história da ocupação da capitania de Minas Gerais e à exploração das riquezas minerais. Apesar de alguns desbravadores terem percorrido parte do território mineiro desde o primeiro século da colonização lusitana, foi na segunda metade do século XVII que as incursões oficiais, também conhecidas por bandeiras, tornaram-se mais frequentes.

Os paulistas, descobridores das primeiras minas, não tinham interesse em divulgá-las, pois sabiam que isso implicaria na “montagem de um aparato político-administrativo que comprometeria a relativa autonomia com que estavam habituados” (ROMEIRO, 2005, p. 208). Somente após a Coroa Portuguesa, por meio das cartas régias, assegurar a posse aos descobridores, prometendo prêmios e honrarias, foi que os primeiros achados passaram a ser oficializados entre os anos 1693 e 1695 (BOXER, 2000). O padre da Companhia de Jesus, André João Antonil, que publicou sua obra em 1711, descreveu como as minas eram repartidas dentro do sistema de datas (ANTONIL, 1982).

Os primeiros achados de ouro na região do atual Município de Ouro Preto (MG) foram de descobridores que partiram de Taubaté (SP). Seus relatos motivaram Antônio Dias de Oliveira que, em 1698, partiu em busca do córrego Tripuí, utilizando como referência geográfica o destacado Pico do Itacolomi,⁴ oficializando, dessa forma, a exploração do abundante ouro de aluvião encontrado nos cursos d’água. A partir da intensa exploração mineral e do enorme contingente de pessoas que se deslocou para a região, surgiram próximos uns dos outros diversos arraiais que, mais tarde, iriam se unir para formar a Vila Rica de Albuquerque (VASCONCELOS, 1948).

Como a própria toponímia indica, o ouro das Lavras Novas foi encontrado alguns anos depois dos achados no Ribeirão do Carmo (Mariana-MG) e da formação dos arraiais de São João, Padre Faria, Antônio Dias, Bom Sucesso e Ouro Podre. Em 1703, a sesmaria da região “das Cabeceyras com hua lega de sertão para Guarapiranga”⁵ é passada de Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho ao coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça. No ano seguinte, os filhos do coronel Furtado, Antônio Fernandes Furtado e seu irmão Feliciano, dirigindo-se ao sul, encontraram as chamadas Lavras Novas às margens do Ribeirão dos Prazeres, em 1704 (VASCONCELOS, 1948).

A localidade de Lavras Novas é citada em diversos pedidos de sesmarias no século XVIII como referência para a demarcação de terras (VASCONCELOS, 1977), assim como está presente em mapas da época, como o de José Joaquim da Rocha, de 1779 (Figura 3). O sistema de distribuição de terras adotado, baseado na concessão de datas e sesmarias, dificultou a institucionalização da vida urbana, uma vez que restavam poucas áreas voltadas para as atividades comuns (MARX, 1992).

Os núcleos urbanos mineradores geralmente se formavam a partir da sequência de edificações ao longo dos caminhos, tomando uma nítida forma linear que tinha como referência algum ponto nodal, muitas vezes exercido por uma capela ou igreja (VASCONCELLOS, 1977). A configuração urbana de Lavras Novas não ocorreu de forma diferente, refletindo a polarização eclesiástica na organização do espaço, com a sua rua principal, de traçado linear na crista do morro, e a Igreja ocupando um papel central entre as residências.

Apesar de não estar situada no eixo principal do Caminho Novo (MARTONI; VARAJÃO, 2009), Lavras Novas estava inserida em uma complexa rede de caminhos que serviam para abaste-

4. Com nome de origem tupi (*ita-curumí*; “pedra menino”), o Pico do Itacolomi tem 1 773 metros de altitude, sendo um importante marco geográfico na região (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013).

5. Documento publicado na seção de Cartas de Sesmarias da Revista do Arquivo Público Mineiro, ano 2, n. 2, 1897, p. 265-266.



Figura 3 • Ampliação em detalhe de parte do Mapa da Comarca de Vila Rica, de José Joaquim da Rocha, 1779, que representa Lavras Novas.
Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

cer a região das Minas. Tendo em vista as características topográficas dos núcleos mineradores e o embasamento rochoso que, em geral, formavam solos rasos e pouco desenvolvidos, as atividades agrícolas eram extremamente limitadas. Assim, os gêneros alimentícios vinham de outras regiões próximas (JOB, 1984), como da Zona da Mata, a sudeste. A região norte da Zona da Mata abrange o Vale do Piranga, situado em uma litologia de granito-gnaiss, tendo solos espessos (latossolos) e férteis, como observaram os naturalistas Spix e Martius ao passarem próximo de Mainart em 1818, já nas adjacências de Lavras Novas:

Mais ricas do que pelo metal são, entretanto, estas terras, em virtude de sua fertilidade, e é de esperar que aqui as minas ainda sejam completamente suplantadas pela lavoura. O milho dá no primeiro ano quatrocentos por um; a colheita de duzentos por um é considerada medíocre, e a de cem é má. (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 218)

O alemão Eschwege (2002), ao percorrer a região no mesmo período, relacionou a ocupação desse território à fertilidade do solo, que provocou o estabelecimento da atividade agropastoril. Portanto a região imediatamente ao sul de Lavras Novas desenvolveu-se para atender às necessidades dos núcleos mineradores, favorecida pelo alto custo dos produtos que vinham de grandes distâncias e pelas características físicas que permitiram o desenvolvimento agrícola, integrando, destarte, Lavras Novas às rotas de circulação das mercadorias (CARNEIRO, 2008). Não por acaso que, a mando do governador da Província, Francisco Diogo Vasconcelos, foi construída a Ponte dos Taboões, em 1855, permitindo a ligação de Lavras Novas com Santa Rita e Piranga, mesmo não estando na Estrada Geral da Corte, atualmente aproveitada pela rodovia MG-129 (COSTA, 2005).

Segundo Tárzia (2002), a Capela de Nossa Senhora dos Prazeres é mencionada em documentos que comprovam que, em 1724, já se tratava de uma aplicação, ou seja, uma subdivisão de freguesia que denota a importância do arraial. Em 1762, a pedido dos moradores do povoado, foi erigida no lugar do antigo templo a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, com configuração arquitetônica semelhante a dos dias atuais, figurando como filial da freguesia de Santo Antônio de Itatiaia (atual distrito de Ouro Branco-MG). Já em 1842, a Igreja passou a ser filiada à Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Antônio Dias, em Ouro Preto (TEIXEIRA, 2004).

Por meio de documentos de devassa, entre os anos de 1754 e 1765, registrou-se em Lavras Novas uma população composta essencialmente por pessoas ligadas à mineração, mas que já contava com profissionais de variadas especialidades, como agenciadores, negociantes, vendedores, mineradores, roceiros, donas de casa, etc., e alguns escravos forros (TEIXEIRA, 2004). No entanto, a atividade de mineração prosperou por pouco tempo, sofrendo brusco declínio após alguns anos. Devido à escassez de atividades econômicas, várias famílias deixaram a região. O censo minerador do ano de 1830 mostra que os 21 homens livres que exploravam as jazidas auríferas entre Lavras Novas e Chapada tiveram uma produção de apenas cem oitavas, o equivalente a 358 gramas de ouro (OURO PRETO, 2007).

Ao final do século XIX, a mineração já estava quase extinta na região, conforme indica o alistamento eleitoral de 1890, que consta do nome de 24 homens, dos quais apenas 2 eram faiscadores, sendo que os demais viviam de cultivo de subsistência e (ou) de extrativismo (TEIXEIRA, 2004). A população do núcleo se manteve estagnada por longo período, e o isolamento geográfico de Lavras Novas propiciou a formação de uma população etnicamente distinta, de pele escura e baixa estatura, oriunda da miscigenação dos escravos alforriados com portugueses e índios. Nesse sentido, a cultura extrativista, que já era marcante na região, sendo a extração da lenha efetuada desde o século XVIII para a venda na sede de Vila Rica,⁶ foi fortalecida com o declínio aurífero (TÁRCIA, 2003b).

Após a decadência econômica das localidades, com a escassez do ouro, era comum que as terras fossem abandonadas ou doadas, pelos antigos exploradores, em nome de um santo católico de devoção, passando a serem ocupadas por trabalhadores locais e escravos forros (VIEIRA FILHO, 2005). O patrimônio para o santo era, muitas vezes, formado por doações de terras de detentores de glebas, comum no caso dos arraiais que se formavam com a atividade de mineração antes de possuírem uma capela (TEIXEIRA, 2004).

A administração desse patrimônio poderia ser feita por entidades específicas voltadas para esse fim, conhecidas como irmandades, que zelavam pela manutenção e funcionamento do edifício sagrado e de suas terras. Segundo Tárzia (2003a), a Irmandade de Nossa Senhora dos Prazeres já existia antes de 1746, uma vez que há registros de pessoas que pertenceram à Irmandade, como Manoel de Almeida Braga, conhecido por capitão Braga, que se filiou à Irmandade em 16 de julho de

6. Segundo a historiadora Christina Tárzia (2003b), ainda na primeira metade do século XVIII, o trajeto entre Santa Rita e Ouro Preto era conhecido como "Caminho das Madeiras".

1746 e fez parte da mesa administrativa. De acordo com Trindade (*apud* TEIXEIRA, 2004), a Irmandade de Nossa Senhora dos Prazeres foi formalizada com o estabelecimento da Capela de Lavras Novas, em 1762, atuante até os dias presentes. De acordo com Teixeira (2004), com a “Lei das Terras” de 1850, os patrimônios religiosos constituídos antes dessa data permaneceram de propriedade da Igreja, ainda que não houvesse documentos comprobatórios.

Sendo assim, as terras foram apropriadas de maneira coletiva pela comunidade de Lavras Novas durante o século XIX, em nome de Nossa Senhora dos Prazeres, dividindo a área para usufruto e moradia das famílias locais. Coube à diretoria da Irmandade a gestão das terras, tendo também o poder sobre a alienação destas, além de cuidar da preservação do templo e do cemitério (VIEIRA FILHO, 2005).

Séculos XX e XXI

No início do século XX, os habitantes Lavras Novas ainda viviam como seus antepassados, sem ser afetados pelos advenços modernos que se difundiam nas cidades. Não havia fornecimento de energia elétrica e nem sistema de saneamento, de modo que os moradores usavam, para uso doméstico, a água das nascentes próximas ao povoado e adotavam o sistema de fossa negra na parte externa das residências. Devido às poucas alternativas de renda, o cultivo de subsistência era comumente praticado no fundo das propriedades.

Em meados do século XX, os aspectos legais das terras da Santa, administradas pela Irmandade, foram questionadas quando a Companhia Eletroquímica Brasileira pleiteou terras consideradas como parte da comunidade. Segundo Vieira Filho (2005), o conflito foi intermediado pela Igreja, que conseguiu entre as partes acordantes o registro das terras.

As estradas que dão acesso ao povoado somente passaram a permitir a passagem de veículos após a construção pela Elquisa de usinas hidrelétricas no rio Maynard, ainda na década de 1930. Essa empresa necessitava de muita energia para a produção de alumínio na região (TEIXEIRA, 2004). No início dos anos 1950, a siderúrgica foi vendida para a multinacional Alcan (Aluminium Limited do Canadá), que logo passou a contar com a mão de obra de homens de Lavras Novas.

A ligação da empresa com a comunidade se estreitou conforme a primeira passou a fornecer, ainda que de forma precária e oscilante, energia elétrica para as habitações do povoado. Algumas mulheres também chegaram a encontrar oportunidade de emprego nas residências dos engenheiros da companhia, no bairro Saramenha de Ouro Preto, para a execução de afazeres domésticos (TEIXEIRA, 2004).

Ainda que a empresa tenha fornecido, mesmo que de forma precária e oscilante, energia elétrica para algumas habitações do povoado, as maiores transformações do centro urbano de Lavras Novas ocorreram a partir da década de 1980, com o provimento desse serviço pela Cemig. Durante esse período, um fluxo migratório resultou em abrupto crescimento populacional, somando-se aos descendentes dos

habitantes que haviam permanecido após o Ciclo do Ouro (OURO PRETO, 2007). Nessa época, surgiram os primeiros visitantes, que foram aumentando em número ao longo dos anos, interessados na singular configuração histórica e cultural do povoado e na plasticidade da paisagem natural do entorno do núcleo urbano.

O crescente interesse de pessoas externas à comunidade em adquirir terrenos em Lavras Novas foi paulatinamente atendido pela Irmandade, que se despertou para a oportunidade de obter renda com a venda dos terrenos, com o intuito de financiar despesas relativas à manutenção do templo católico e do cemitério, assim como organizar as festas da Padroeira e do Divino Espírito Santo. Em alguns casos extremos de necessidade, quando algum morador do povoado necessitava de auxílio, por enfermidade ou outra dificuldade maior, a Irmandade também concedia recursos financeiros. Os terrenos começaram a ser vendidos ainda na década de 1970, por quantias irrisórias, a princípio para conhecidos da Irmandade e pessoas do ciclo de relacionamento dos habitantes locais, como colegas de trabalho de funcionários da Alcan (TEIXEIRA, 2004).

O processo de apropriação individual das terras foi agravado conforme alguns dos proprietários mais recentes decidiram revender suas propriedades, chegando às vezes a subdividi-las em lotes menores, com o fito de aumentar seus lucros. Na década de 1990, já havia diversos empreendedores hoteleiros instalados na localidade, exacerbando ainda mais a especulação imobiliária, que, desde então, só aumentou.

No início da década de 1990, durante o governo de Wilson Milagres, importantes obras de saneamento no centro urbano foram realizadas, promovendo a canalização dos efluentes domésticos para os córregos do entorno da localidade, além da regularização do fornecimento de água para as residências. Tal iniciativa permitiu aos habitantes construir banheiros integrados às casas, os quais antes se situavam na área externa. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Lavras Novas cresceu substancialmente ao longo da década de 1990, passando de 681 habitantes em 1991, para 771 em 2000 (VIEIRA FILHO, 2005) e 922 habitantes segundo o último censo do IBGE (2010), superando em quase cem habitantes as estimativas realizadas pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto em 2005 (OURO PRETO, 2006).

A cultura extrativista foi enfraquecida pela gestão mais atuante de algumas unidades de conservação próximas, como o Parque Estadual do Itacolomi, que também contribuiu para a oferta de empregos para os autóctones (MINAS GERAIS, 2007). Os anos 1990 também foram marcados pelo repentino incremento do setor de serviços, que se diversificou em pequenos mercados, lanchonetes, restaurantes, hotéis e pousadas, devido ao constante fluxo turístico que Lavras Novas passou a receber. A pavimentação da MG 129 entre Ouro Preto e Ouro Branco facilitou o acesso ao povoado e acelerou as suas transformações. Durante esse período, as ruas do centro urbano também receberam calçamento.

Segundo Cordeiro (2008), em 2005, Lavras Novas foi elevada à categoria de Distrito graças às alterações proporcionadas pelo turismo. Derivando dessa maior liberdade política, o orçamento participativo foi utilizado no Distrito, principalmente para a melhoria de áreas de lazer, com a construção de uma quadra de esportes. A elaboração do Plano Diretor Municipal, em 2006, mobilizou os interesses da comunidade para a demarcação das terras, solicitando revisões no documento, a fim de abranger o patrimônio da Santa. Os diretores da Irmandade também cuidaram de registrar a entidade como pessoa jurídica, de modo que, nos últimos anos, a venda dos terrenos passou a obedecer a um processo formal, com registro em cartório das escrituras dos imóveis, o que dificultou a revenda dos terrenos adquiridos após a burocratização do processo de transações. Devido ao empecilho na compra de novos terrenos, o processo de repartição dos antigos lotes e o adensamento das edificações já existentes no centro urbano foram fortalecidos.

Ornelas (2008), em sua pesquisa, identifica ainda as principais dificuldades do distrito na visão de seus moradores, que reclamam da precariedade de serviços de saúde e saneamento, assim como da baixa qualidade das estradas de acesso e da pouca opção de transporte público.

Os levantamentos mais recentes do IBGE (2010) contabilizam a população do distrito em 922 habitantes, número que superou as estimativas realizadas pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto em 2005 (OURO PRETO, 2006), que previa, segundo a taxa de crescimento de Lavras Novas, que haveria apenas 838 habitantes em 2010. Assim, percebe-se que a população encontra-se em franco crescimento, o que, conseqüentemente, aumenta a demanda por moradias e repercute diretamente no patrimônio construído.

Transformações do patrimônio construído de Lavras Novas

De acordo com Teixeira (2004), que estudou a arquitetura vernácula do Distrito, as construções mais antigas têm, em geral, uma estrutura independente, do tipo “gaiola”, desenvolvida na colônia antes de ser utilizada em território lusitano. As casas tradicionais são de pau a pique, sendo estruturadas por madeiras locais, como a candeia, ou até mesmo bambu. Os esteios e os marcos das portas e janelas são de jacarandá mineiro, de braúna ou de sucupira, sendo usada no passado também a canela-preta, hoje dificilmente encontrada nas proximidades. O telhado é sempre de quatro águas, uma vez que as casas têm um afastamento das outras, raramente encontrado em núcleos mais densos, como Vila Rica, em que as casas dividem parede e os telhados são de duas águas.

Com um pé-direito de aproximadamente 2,5 metros, as paredes são pintadas, com frequência, com cal ou tinta à base de água, e os fogões são untados com cera vermelha, “vermelhão”. A tabatinga⁷ já foi utilizada nas construções, mas é difícil de ser encontrada atualmente no povoado. Os forros dos tetos são feitos de taquara e pintados com tinta a óleo, em geral na

7. Técnica de construção que emprega o barro (terra argilosa) em conjunto com tecidos, para o acabamento de paredes e fogões (TEIXEIRA, 2004).

cores branca ou azul. As janelas são do modelo mais antigo de Minas, proporcionais à construção, com o fechamento por uma tábua de madeira, uma vez que o vidro era oneroso e difícil de ser transportado até a região (TEIXEIRA, 2004).

O postigo é comum nessas casas, pois, além de impedir a entrada de animais, possibilita aos residentes manter a porta da casa aberta e, ao mesmo tempo, sinalizar às demais pessoas que a entrada não é permitida. O piso é geralmente de madeira, sem tratamento industrial, sustentado sobre um pequeno baldrame feito de pedra, que isola a casa da umidade do solo. Possivelmente por influência dos paulistas, construtores das casas bandeiristas do século XVII, as casas são geralmente formadas por uma sala “entalada” entre dois quartos, com ausência de corredores (TEIXEIRA, 2004).

A Figura 4 retrata a planta de uma casa tradicional do povoado, construída há mais de cem anos por Pedro Fernandes, conhecido por Pedro Rabicó, importante líder e sacristão de Lavras Novas. Sua filha, Maria Fernandes, é a atual proprietária da casa que manteve a maior parte de suas características originais. Como pode ser observado nessa e em diversas outras casas da comunidade, existe uma zona fronteira com a rua, ou seja, um espaço gramado que garante um recuo da edificação em relação ao trânsito e uma maior privacidade. Comum também em outras casas, há um pequeno altar doméstico na sala. A copa, ligada à cozinha, é presente apenas nas maiores unidades domiciliares do distrito. A cozinha, de uma forma geral, é sempre localizada nos fundos da casa, com um fogão a lenha. Os cômodos de depósito eram utilizados como paiol, quando ainda se plantava milho, mas Teixeira sugere (2004) que suas origens sejam mais antigas, quando alguns homens do povoado eram tropeiros. As instalações sanitárias, junto à cozinha, incorporaram-se à casa apenas no início da década de 1990.



Figura 4 • Casa de Dona Maria Marins Fernandes, construída por seu pai, Pedro Fernandes, com a planta ao lado. Fonte: Planta – Teixeira; 2004, p. 221; Foto: Varajão (2011).

Atualmente, existem poucas casas no povoado que mantiveram as características acima descritas. Diversas construções sofreram reformas e modificações, alterando as tradicionais janelas de madeira de uma única folha, por esquadrias de metal e vidro (Figura 5). As intervenções também visaram a ampliar as moradias, como se observa nas varandas construídas à frente das casas, muitas das quais fazendo uso do espaço antes destinado às calçadas. A criação de um espaço cerceado entre a rua e a casa se deve possivelmente ao desejo de obtenção de maior privacidade em relação ao crescente con-



Figura 5 • Casa de alvenaria com janelas de esquadrias metálicas e varanda sobre a calçada. Foto: Varajão (2011).

tingente de pessoas desconhecidas que passaram a visitar o local (TEIXEIRA, 2004).

As construções de dois ou mais pavimentos (Figura 6), que, em alguns casos, obstruem a visibilidade do exuberante entorno de Lavras Novas, são reflexo da melhoria da condição econômica dos habitantes e do adensamento urbano. A ampliação das residências, seja com a construção de mais um pavimento ou um anexo à edificação principal, foi estimulada pelo turismo, uma vez que tais melhorias são destinadas a hospedar visitantes (OLIVEIRA, 2006). Almassy Junior (2004, p. 98), em sua pesquisa, deparou-se com relatos de moradores contrários a tais mudanças:



Figura 6 • Casa de alvenaria de dois pavimentos e revestimento de azulejo. Foto: Varajão (2011).

Hoje em dia, eles [moradores locais] estão vendendo até pedaço da horta pra poder fazer casa. Eu acho isso um absurdo. Agora você vê, eu lá vou vender pedaço da minha horta pra ficar no meio de gente que eu não conheço? (Moradora de 74 anos)

Hoje eles tão tirando as plantas da horta pra fazer casa tudo pra turista. (Senhor de idade não identificada, natural de Lavras Novas)

A saturação das construções no espaço urbano ocupou o lugar da horta e dos fundos das propriedades, onde os habitantes tinham o hábito de cultivar alimentos. As recentes transformações pelas quais vem passando a área urbana do Distrito de Lavras Novas introduziram substantivas alterações no valor do espaço. Antigamente, os locais mais valorizados do povoado eram próximos à igreja, de modo que era costume pagar foros ao clero de acordo com o tamanho da testada do terreno. As propriedades eram

estreitas em frente à rua e compridas em sua lateral, formando um traçado urbano linear (Figura 7). Na atualidade, a mudança de valor tornou a vista do entorno o aspecto mais estimado, projetando a frente das construções para fora do centro urbano, em direção às plásticas paisagens serranas (Figura 8).

Figura 7 • Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, entre 1970 e 1980. Foto: Autor desconhecido (TEIXEIRA, 2004).



O comércio e a oferta de serviços também incitaram o adensamento urbano, uma vez que algumas propriedades passaram a ter duas funções distintas, dividindo-se entre comércio e residência. Teixeira (2004) também alerta para a saturação de informações que as lojas de souvenirs e artesanatos promovem ao exporem seus produtos no lado de fora dos estabelecimentos, em desarmonia com o conjunto urbano.

Figura 8 • Chalé construído na borda sul do núcleo urbano de Lavras Novas. Foto: Varajão (2011).

Apesar da descaracterização anteriormente descrita provocada na paisagem e no patrimônio arquitetônico, grande parte dos autóctones não a considera deletéria, mas como um sinal de desenvolvimento do distrito (VIEIRA FILHO, 2005). Os moradores, em geral, anseiam pelo conforto propiciado pelas técnicas modernas de construção, pela melhoria na pavimentação das ruas, no serviço de distribuição de água etc., e, ainda, clamam pela pavimentação asfáltica da estrada de acesso ao Distrito.

Com a implantação do Plano Diretor de Ouro Preto, as novas construções devem obedecer aos padrões arquitetônicos específicos, de acordo com quatro tipos de zonas preestabelecidas: a) Zona de Proteção Especial, que compreende os lotes no entorno da rua principal (Nossa Senhora dos Prazeres); b) Zona de Adensamento Restrito, que, de forma geral, abrange o restante do núcleo urbano; c) Zona de Proteção Ambiental 1, que abrange o entorno de Lavras Novas; e d) Zona de Proteção Ambiental

2, representando a Serra do Trovão. A Zona de Proteção Especial, por exemplo, restringe novas construções com mais de um pavimento e defende a utilização de telhas coloniais.

Considerações finais

A consolidação do núcleo urbano de Lavras Novas, no início do século XVIII, está relacionada à ocupação das Minas Gerais, período no qual diversas aglomerações humanas se desenvolveram, orientando suas atividades exclusivamente para a exploração do ouro. O esgotamento das jazidas auríferas, aproximadamente cem anos depois, legou à população estabelecida limitadas opções econômicas alternativas, de maneira que a rede urbana na qual Lavras Novas estava inserida, em meados do século XVIII, havia sofrido modificações na passagem para o século XIX. De uma população especializada nas atividades de mineração, houve uma transição para o predomínio de uma cultura de subsistência e de extrativismo, inserindo Lavras Novas na rede de caminhos para abastecimento dos núcleos urbanos hierarquicamente superiores, como Vila Rica, grande demandante de uma das fontes energéticas mais utilizadas no período: a madeira.

Os habitantes que permaneceram em Lavras Novas, após muitos terem abandonado ou doado suas propriedades, apropriaram-se das terras de maneira coletiva em nome de Nossa Senhora dos Prazeres, desenvolvendo hábitos peculiares que garantiram sua sobrevivência. A maior parte das características urbanas de Lavras Novas foram mantidas até meados do século XX, como o traçado orgânico e a arquitetura vernácula, graças ao seu isolamento geográfico e, portanto, pouca articulação com os núcleos urbanos adjacentes.

A urbanização extensiva de grandes centros próximos reorganizou a rede urbana colonial preexistente, incluindo, dessa forma, Lavras Novas no colar perimetropolitano de Belo Horizonte. Essa mudança contextual implicou na intensificação de fenômenos correlatos, como os fluxos pendulares e, particularmente, o fortalecimento do turismo e a proliferação das casas de segunda residência.

Nesse sentido, o Distrito sofreu um importante adensamento urbano acompanhado pela reforma de diversas construções de arquitetura vernácula, incorporando materiais modernos, como janelas de metal, revestimento cerâmico e paredes de alvenaria. Segundo Teixeira (2004), as construções vernáculas de pau a pique utilizavam materiais de mais fácil decomposição, podendo ser comparáveis às construções "ecológicas" ou "sustentáveis", oriundas de tendências atuais de menor pressão sobre o ambiente por meio do mínimo dispêndio energético para as construções, além do uso de fontes renováveis.

O aumento e o adensamento do espaço construído significaram também a diminuição das hortas e áreas de cultivo no fundo das casas, enfraquecendo a cultura de subsistência e o cultivo de plantas medicinais, uma vez que passaram a comprar mais hortaliças e ainda a usar remédios alopáticos. Houve, dessa forma, uma modificação dos costumes dos habitantes, em grande parte atribuída às fontes econômicas mais recen-

tes proporcionadas pelo turismo, exteriorizadas na morfologia urbana e no uso e ocupação do solo.

Conclui-se, com base neste trabalho, que as mudanças identificadas na escala intraurbana, como as transformações do patrimônio construído, não poderiam ser estudadas de maneira isolada, sem serem analisadas em conjunto com o seu contexto urbano, organizado e hierarquizado de diferentes maneiras ao longo do tempo.

Referências

ALKMIM, Fernando Flecha; MARSHAK, Stephen. The Transamazonian orogeny in the Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, Brazil: paleoproterozoic collision and collapse in the Southern São Francisco Craton region. *Precambrian Research*, Amsterdam, n. 90, p. 29-58, 1998.

ALMASSY JUNIOR, Alexandre Américo. **Análises das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, Ouro Preto-MG.** 2004. 147f. Tese (Doutorado em Fitotecnia), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil.** 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. (Reconquista do Brasil; nova série; v. 70).

BOXER, Charles Ralph. **A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial.** Tradução Nair de Lacerda. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CARNEIRO, Patrício A. S. **Conquista e povoamento de uma fronteira: a formação regional da Zona da Mata no Leste da Capitania de Minas Gerais, 1694-1835.** 2008. 278f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CARTA de Sesmaria. **Revista do Arquivo Público Mineiro,** Ouro Preto, Ano 2, n. 2, p. 265-266, abr./ jun. 1897.

CASTELLS, Manuel. **The rise of the network society.** Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

CONTI, Alfio. **O espaço perimetropolitano de Belo Horizonte: uma análise exploratória.** 2009. 783f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-graduação em Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CORDEIRO, Erika Dias. O turismo como fomentador da configuração espacial do município de Ouro Preto: o novo distrito de Lavras Novas. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo,** Ano 2, n. 2, jul. 2008. Disponível em: < <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao3/artigo4.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A rede urbana.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

COSTA, Antônio Gilberto. Os caminhos do ouro e a Estrada Real para as Minas. In: COSTA, Antônio Gilberto (Org.). **Os caminhos do ouro e a Estrada Real.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 28-151.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Jornal do Brasil: 1811/1817**; relatos diversos do Brasil coletados durante expedições científicas. Tradução Friedrich E. Renger, Tarcísia L. Ribeiro e Günter Augustín. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.

GOTTMANN, Jean. **L'aménagement de l'espace**: planification regionale et géographie. Paris: Armand Colin, 1952.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População do Distrito de Lavras Novas**. Banco de Metadados, 2010. Disponível em: <<http://www.metadados.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Ouro Preto**. Minas Gerais - MG. Documento Territorial do Brasil. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/ouropreto.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2013.

JOB, Vera Ravagnani. Algumas considerações sobre o ciclo do ouro e o tropeirismo. In: BONADIO, Geraldo (Org.). **O tropeirismo e a formação do Brasil**. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras, 1984.

MARTONI, Rodrigo Meira; VARAJÃO, Guilherme Fortes D. Chicarino. **Caminhos opostos**: turismo nas Estradas Reais de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

MARX, Murillo. Arraiais Mineiros: relendo Sylvio de Vasconcellos. **Revista Barroco**, Belo Horizonte, n. 15, p. 389-393, 1992.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Plano de manejo do Parque Estadual do Itacolomi**: encarte 1: diagnóstico do parque. Belo Horizonte, Instituto Estadual de Florestas, 2007.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. Urbanização extensiva e novas lógicas de povoamento: um olhar ambiental. In: SANTOS, M. S.; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

OLIVEIRA, Flavia Moura de. **Espaço, lugar, identidade e urbanização**: conceitos geográficos na abordagem do Turismo. 2006. 126f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ORNELAS, Adílio Rodrigues. **A percepção ambiental como instrumento para implantação de unidades de conservação**: um estudo de caso sobre a percepção ambiental dos moradores do entorno da Serra do Trovão, Ouro Preto-MG. 2008. 52f. Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental), Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto.

OURO PRETO. Prefeitura Municipal. **Inventário do Distrito de Lavras Novas – Ouro Preto, MG**. Ouro Preto: Prefeitura, 2007. v. 1.

OURO PRETO. Prefeitura Municipal. **Projeção da população**: sistema de abastecimento de água de Lavras Novas. Ouro Preto: Prefeitura, 2006.

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Comarca de Villa Rica**. 1779. 1 mapa: color. 41 cm x 80 cm. (Biblioteca Nacional, RJ).

ROMEIRO, Adriana. A história das Minas entre o sertão e o império. In: COSTA, Antônio Gilberto (Org.). **Os caminhos do ouro e a Estrada Real**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 206-221.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1989.

SASSEN, Saskia. **Cities in a world economy**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1994.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Tradução Lúcia F. Lahmeyer. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v. 1.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988.

TÁRCIA, Christina. Nossa Senhora dos Prazeres das Lavras Novas (3). **Santo de casa: História de Chapada, Lavras Novas, Salto e Santa Rita de Ouro Preto**, Ouro Preto, Ano 5, n. 42, p. 151-154, dez. 2002.

TÁRCIA, Christina. Nossa Senhora dos Prazeres das Lavras Novas (9). **Santo de casa: História de Chapada, Lavras Novas, Salto e Santa Rita de Ouro Preto**, Ouro Preto, Ano 5, n. 49, p. 179-182, set. 2003a.

TÁRCIA, Christina. A Vargem (Manso). **Santo de casa: História de Chapada, Lavras Novas, Salto e Santa Rita de Ouro Preto**, Ouro Preto, Ano 6, n. 52, p. 191-194, dez. 2003b.

TEIXEIRA, Cláudia Mudado. **Origens e transformações da arquitetura vernácula do ciclo do ouro: um estudo sobre Lavras Novas, Ouro Preto, Minas Gerais**. 2004, 313f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Valladolid, Valladolid.

TRINDADE, Dom Frei José da Santíssima. **Visitas Pastorais (1821-1825)**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

VASCONCELOS, Diogo de. **História antiga de Minas Gerais, 1703-1720**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

VASCONCELOS, Sylvio de. **Vila Rica: formação e desenvolvimento - residências**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VIEIRA FILHO, Nelson Antônio Quadros. Novas reflexões sobre o velho tema dos impactos sócio-culturais do turismo à luz de um estudo antropológico em Lavras Novas, Ouro Preto (MG). In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 2, Camboriú, 2005. **Anais...** Camboriú: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Turismo, 2005.

Endereço para correspondência

Guilherme Fortes Drummond Chicarino Varajão
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri -
UFVJM • Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH)
- Curso de Turismo
Campus JK, Rodovia MGT 367, km 583, nº 5000
- Alto da Jacuba
39100-000 - Diamantina - Brasil
guilhermefdcv@gmail.com